

Crônica

TEMPO FLOR

Domingo estarei menor, do tamanho da azeitona das festas familiares quando servia-se a bacalhoadada. O meu tamanho será ínfimo e dormitarei depois da refeição à beira do fogão. E todos os demais estarão ali olhando o fogo. Estarei no ambiente que inventarei no espaço das minhas condições, e poderei rir internamente e voar, e cantar, contarei histórias e ouvirei as mais trágicas, e as mais profundas e singelas. Entregarei o presente de sempre, um livro, uma carta, curtas palavras de afeto, um beijo, farei promessas impossíveis como parar de ser verde e amargo tantas vezes, e sentirei para ler e retomar aquele assunto esquecido, e depois olhar as paredes com o nó que se tem na garganta quando se tem espaços fechados num mundo onde poucos estão libertos. Servirei café, ou vinho doce, ou liqueur, água com pedras de gelo, um doce inesquecível o dia mais belo será iluminado. Deixarei no jardim as minhas lágrimas e os meus risos nas pedras, e falarei um palavrão só para ser doce-mente admoestado. Eu disse inconstitucionalissimamente. Assoprarei minhas válvulas entupidas, não mostrarei as marcas do catéter e beijarei, e sentirei cheiro de alfazema e o som sutil em vibrato de um poeta que apresenta o mar impossível, e irei ao piano, e novamente a mesma canção soará até refazer o arranjo, e se pensar naquele hino que havia alguém à porta. Alguém a pé, sem banco, sem BMW, sem coca-cola que chamava um nome. E depois os dias contados serão esquecidos, menos esse porque a gente fica sem dor quando ama e morre sem mãe.

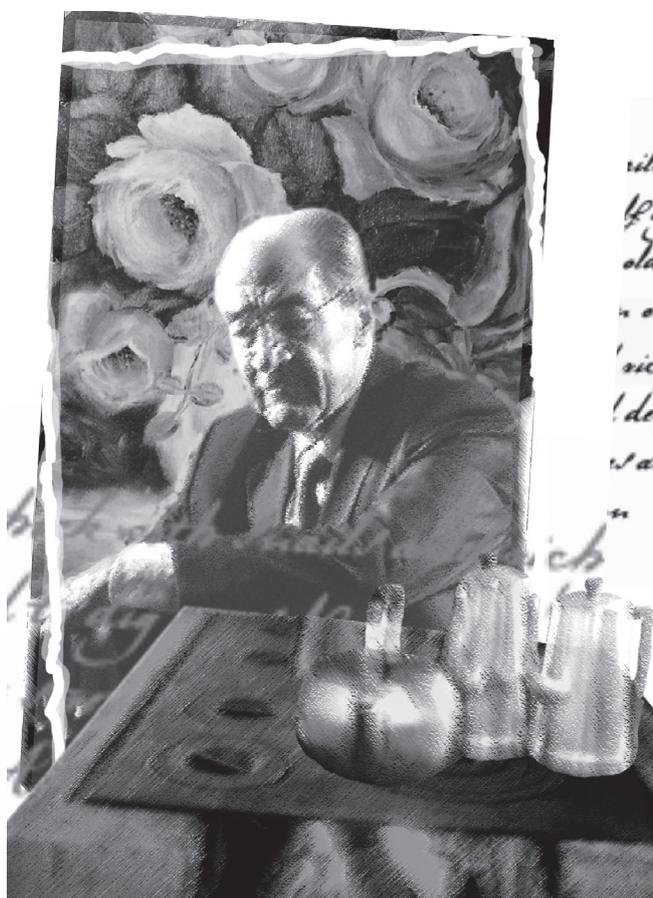


Ilustração: Lucília Alencastro sobre pintura de Célia Maura

PEDRO MOREIRA DA SILVA NETO